

A ARTE DA AMIZADE: JOSÉ OLYMPIO,  
O CAMPO DE PODER E A PUBLICAÇÃO DE LIVROS  
AUTENTICAMENTE BRASILEIROS

*Este artigo estuda as condições materiais e afetivas que permitem explicar como e por que José Olympio Pereira Filho monopolizou, no fim dos anos 1930, a edição dos livros considerados indispensáveis para sentir e pensar o país. De modo geral, o trabalho observa e analisa os capitais social, econômico e político que gravitaram em torno desse editor. Em primeiro lugar, se remontam alguns aspectos da sua trajetória pessoal: sua socialização e experiência inicial no mundo dos livros, a constituição e os destinos da sua família, considerada no senso lato dos laços consanguíneos e por aliança. Estes últimos abarcavam não só os vínculos estabelecidos por casamento, mas também as relações de interdependência com um amplo conjunto de pessoas (escritores, políticos, homens de negócios) que se consideravam irmãos, padrinhos, amigos íntimos. Em segundo lugar, se reconstrói a incorporação e o uso de habilidades comerciais na venda de livros, de direitos, de bens propriamente editoriais. E, em terceiro, se pensa a permanente relação de José Olympio com agentes de peso no campo de poder, entre fins dos anos 1920 em São Paulo e o auge do varguismo no Rio de Janeiro.*

*Palavras-chave: campo editorial; história social do mundo do livro; cultura impressa e nação; José Olympio; laços pessoais e poder.*

\* (La Plata, 1966) É doutor em Antropologia Social. Atualmente, é pesquisador do Conicet (Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas de la Argentina), diretor do mestrado em Antropologia da Universidade de Córdoba e professor titular na graduação em Antropologia da mesma universidade. Desde 1991 tem realizado pesquisas etnográficas, sociológicas e históricas sobre edição, tradução, intelectuais e ciências sociais no Brasil, no México e na Argentina. Entre as suas publicações mais relevantes podem se mencionar os livros *Traducir el Brasil. Una Antropología de la Circulación Internacional de las Ideas* (Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003), e *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro* (São Paulo, Edusp, 2010).

[...] José Olympio.  
*Brasileiro com B grande, 80 anos, amigo de Getúlio, Zé Américo, Armando Salles, Juscelino Kubitschek, Antônio Carlos Magalhães, Golbery, Geisel, Altino Arantes, Luis Viana, Olavo Setúbal, Nereu, Café Filho, Dutra, Negrão, Sá Ferreira Alvim, Capanema, Etevíno Lins, Barbosa Lima Sobrinho, Agamenon, Ademar de Barros e Luca Garcez (quando governador da minha terra almocei com eles, várias vezes, no Palácio dos Campos Eliseos), Washington Luís, Carlos Prestes, Júlio Prestes, Filinto Müller e João Alberto.*  
 (OLYMPIO [carta], 1983)<sup>1</sup>

No plano literário e do pensamento social, a Editora José Olympio foi responsável por uma parte considerável do trabalho de unificação simbólica que, imbricado aos processos de monopolização do espaço físico-territorial, da economia, do uso da violência, marcou a construção do Estado e da cultura nacional brasileiros. Entre meados das décadas de 1930 e 1950, ser editado pela Livraria José Olympio, do Rio de Janeiro, era o desejo de todo autor. Significava consagração, inclusão em um catálogo que reunia os autores e títulos das obras percebidas como “autenticamente brasileiras”. A marca bastava. Como para tudo o que consagra, não era preciso saber as razões que produziam tal realidade. Na época, só se falava do dom do editor, da sua genialidade como bom empreendedor cultural e como pessoa. Com o declínio da posição dessa editora, a partir dos anos 1960, as explicações foram habilitadas pelas vanguardas estético-políticas da época e ganharam o tom de uma acusação: José Olympio era amigo dos poderosos, de Vargas, dos militares etc. Em resposta, as pessoas próximas do editor, como Rachel de Queiroz, Plínio Doyle, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, funcionários da Casa, familiares, contestavam que “José Olympio não tinha posição política nenhuma”. Tal como expressa a autoapresentação do editor na epígrafe, diziam que a arte de José Olympio era a amizade: ele era “amigo de todo mundo”, condição suficiente para explicar por que foi o grande editor de um cânone da cultura nacional impressa. A amizade, atitude de dar sem interesse de receber, de construir relações benéficas, antepõe a força do dom. Como as artes, sua possibilidade deve mais à inspiração, à natureza das pessoas que têm o poder de encantar, que ao ensino e à aquisição por procuração. “A arte da amizade de José Olympio” condensa a força de tudo o que o fez diferente. Desvelar as formas e o poder dessa arte se torna um propósito

<sup>1</sup> Carta arquivada no acervo da Editora José Olympio. Exceto quando se explicita outra fonte documental, todos os materiais de arquivo reproduzidos neste trabalho formam parte do acervo privado da editora. Sobre o acervo documental da Livraria José Olympio, sua história e dispersão, ver Sorá (1998, Prefácio).

antropológico de relevo para explicar fatos ainda pouco explorados sobre a gênese da cultura brasileira impressa.<sup>2</sup>

Se durante a vigência do poder áureo da editora seu domínio era incontestável, logo inquestionável, indubitável, posteriormente as percepções sobre o selo deslocado foram rareadas, sua história obscurecida, seu conhecimento dificultado. A contrapelo dos elogios e das acusações, este trabalho revela algumas das condições materiais e afetivas que explicam como e por que José Olympio Pereira Filho monopolizou, no fim dos anos 1930, a edição dos livros considerados indispensáveis para sentir e pensar o país. De modo geral, é preciso observar e diferenciar três espécies de capitais que gravitaram em torno da pessoa: social, econômico e político. Em primeiro lugar, devem se remontar alguns aspectos da sua trajetória pessoal: sua socialização e experiência inicial no mundo dos livros, a constituição e os destinos de sua família, considerada no senso lato dos laços consanguíneos e por aliança. Estes últimos abarcam não só os vínculos estabelecidos por casamento, mas também as relações de interdependência com um amplo conjunto de pessoas que se consideravam irmãos, padrinhos, amigos íntimos. Em segundo lugar, é preciso tratar a incorporação e o uso de habilidades comerciais na venda de livros, de direitos, de bens propriamente editoriais. E, em terceiro, deve ser pensada a permanente relação de José Olympio com o ambiente político e agentes de peso no campo de poder.

## TRAJETÓRIA DE JOSÉ OLYMPIO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE CAPITAIS EDITORIAIS

José Olympio Pereira Filho nasceu no dia 10 de dezembro de 1902, em Batatais, cidade situada em Alta Mogiana, rica região produtora de café do interior do estado de São Paulo. José Olympio Pereira, pai do futuro editor, nasceu em Paramirim, interior da Bahia, e mudou-se para o interior paulista no final do século XIX. Em Batatais trabalhou como guarda-livros. Sua mulher, Rita de Oliveira Junqueira, nasceu em Batatais e era “filiada, pelo lado materno, aos Junqueira de Ribeirão Preto” (PEREIRA, 1973, p. X). Provinha de uma família paulista por várias gerações e foi criada entre Goiás e o Triângulo Mineiro. Ao menos por parte materna, uma intensa devoção católica parece ter sido marcante. José Olympio Pereira Filho foi o segundo de nove irmãos (cinco homens e quatro mulheres), sendo o

<sup>2</sup> Aqui se apresenta apenas um fragmento da análise que, guiada por esse objetivo, deu forma à minha tese de Doutorado, defendida no PPGAS/Museu Nacional (SORÁ, 1998). Quero expressar a minha dívida e agradecimento aos meus orientadores, Afrânio Garcia e Luiz de Castro Faria. Sob o título *Brasílianas: José Olympio e a gênese do campo editorial brasileiro*, a tese foi editada em livro pela Edusp em 2010.

primeiro filho homem. Assegurando formação básica e parcialmente de segundo grau para todos os filhos, os Pereira podem ser situados entre as camadas médias urbanas em ascensão, posição próxima dos imigrantes que povoaram a região desde finais do século XIX. Superavam com êxito seu assentamento rural e diversificavam suas áreas de atividade. Observa-se, assim, uma assimetria de capitais sociais entre a mãe e o pai de José Olympio. Pela linhagem materna se geraram as razões da “escolha” de Altino Arantes para apadrinhar José Olympio, circunstância à qual se ligam as condições de progresso que marcaram o seu porvir. Altino Arantes era um dos homens de maior prestígio social e político entre os numerosos membros das elites paulistas da primeira metade do século que surgiram nessa região.<sup>3</sup> Chegou a ser duas vezes presidente do estado de São Paulo, presidente do banco do estado e membro da Academia Paulista de Letras. Em 1899, Arantes casou-se em Paris com Maria Teodora de Andrade Junqueira, parente longínqua da mãe de José Olympio. Por meio da religião, José Olympio Pereira Filho foi privilegiado por uma estratégia de promoção social comum em famílias sem recursos ou com fortunas dilapidadas, ao conseguir que o renomeado conterrâneo o aceitasse como padrinho de crisma.

José foi alfabetizado pela mãe, não concluiu o ginásio e, ainda com 11 anos, começou a trabalhar em uma farmácia da cidade. Ao fazer 15 anos, escreveu a Altino Arantes, que por essa época transitava pela segunda vez na presidência do estado (1916-1920), pedindo-lhe um emprego na capital. Seu plano teria sido trabalhar em um “armazém de secos e molhados”, onde, dizia-se, davam alojamento e comida: “Os rapazes que saíam de sua pequena cidade para tentar a aventura da vida na Capital falavam maravilhas da firma Araújo Costa, atacadista de armarinhos” (BARBOSA, 1963, p. XXXV). Dessa forma, ele poderia concluir sua educação, estudar direito, ser promotor, ser alguém na vida. No dia 7 de junho de 1918, José Olympio pai recebeu uma carta do coronel Afro Rezende, chefe da Casa Militar do presidente do Estado, na qual lhe comunicavam a colocação do adolescente em um emprego, embora não fosse no local por ele pretendido. Um mês

<sup>3</sup> Altino Arantes nasceu em Batatais, em 1876. Era filho do coronel Francisco Arantes Marques e Maria Carolina de Arantes. Realizou sua formação básica em Itu (São Paulo) e, com 16 anos, ingressou na tradicional Academia de Direito da capital estadual. Graduou-se em 1895 e abriu um escritório de advocacia em sua cidade natal, onde atendia a importantes personagens do interior do estado. No início do século ligou-se ao Partido Republicano Paulista (PRP) e, em 1906, foi eleito deputado federal. Reeleito, validou este cargo até 1911. Suas posições na Câmara foram conservadoras, em defesa dos interesses dos barões do café e da Igreja Católica. Opôs-se à supressão de uma representação diplomática no Vaticano e aderiu a propostas de expulsão dos estrangeiros. Em 1915, sua esposa faleceu e ele ficou encarregado dos dois filhos. Entre 1916 e 1920 ocupou pela primeira vez a presidência do estado de São Paulo. Foi dissidente da candidatura de Washington Luís e comandou uma ala opositora no interior do partido único paulista e, até a Revolução Constitucionalista de 1932, sempre teve uma posição de primeira linha entre os representantes das elites do estado de São Paulo (BELOCH; ABREU, 1984).

depois, o próprio coronel levou José Olympio Pereira Filho à Casa Garraux, onde o recebeu seu dono, Charles Hildebrand, que o encaminhou à seção de livros, sob o comando do famoso livreiro Jacinto Silva. O modesto salário não dava para um sustento minimamente independente, como alugar um quarto de pensão. Por beneplácito do padrinho, foi acolhido para dormir em um pequeno quarto dos sótãos do Palácio de Governo (Campos Elísios) e partilhar as refeições com os funcionários de baixo escalão. Nessas condições viveu três anos. Indo diariamente do palácio dos Campos Elísios à Casa Garraux, o jovem José Olympio não demoraria muito a encontrar seu lugar nas comarcas do poder local.<sup>4</sup> Durante 13 anos, a Casa Garraux foi o meio no qual José Olympio realizou uma carreira ascendente até ocupar uma posição privilegiada como gerente livreiro.

Já no começo do século, Garraux era a principal loja de São Paulo: “grande magazine importador, em torno do qual girava toda ou quase toda a vida social, política e intelectual de São Paulo” (BARBOSA, 1963, p. XXXI). A Casa Garraux estava situada no chamado “bairro acadêmico”, entre o largo de São Francisco, onde se alojava a Faculdade de Direito, e a Sé. Essa zona era um microcosmos fechado, com cafés, livrarias e todos os comércios em que se abasteciam e se expunham socialmente a aristocracia do café, os *bacharéis* e os demais setores participantes do espaço de poder da pujante cidade. Garraux possuía a maior oferta de venda de livros da cidade, representando um polo “francês” ou de máxima distinção social e cultural para os padrões estéticos e de gosto da época. Portanto, dominava econômica, cultural e socialmente o rudimentar mercado local do livro.<sup>5</sup> Além de livros, as pessoas da boa sociedade ali “compravam” vestimentas, propriedades, sabores, ornamentos, posturas, conhecimentos, rumores, novidades e todos os elementos necessários à carreira pela distinção. A clientela dirigia-se a esse local não tanto para adquirir um objeto isolado, mas para exibir suas condições de participação no universo da cultura legítima e da boa sociedade. No interior do comércio se condensava o mundo. Todas as posições possíveis do campo de poder “se faziam presentes”, teatralizando entre suas seções batalhas simbólicas para as quais os

<sup>4</sup> As portas abertas por Altino Arantes, e, posteriormente, por outros personagens de diversas frações do campo de poder, foram de enorme importância. Uma vez que José Olympio se afirmara como livreiro e editor, passou a retribuir os dons, a equilibrar sua posição, com livros e “amizade”.

<sup>5</sup> As dimensões regionais dos mercados do livro até meados dos anos 1930 indicam falta de regularidade na distribuição além das fronteiras estaduais. Só no fim dessa década se afirmaram condições econômicas e políticas para garantir a unificação de um espaço editorial nacional insitucionalizado. A marca central desse processo foi o aparecimento nessa época dos primeiros distribuidores especializados (SORÁ, 1998, capítulos 1 e 5). Em síntese, considero que as pesquisas sobre o mundo editorial brasileiro devem levar em conta as devidas dimensões históricas da escala espacial dos mercados do livro para progredir em hipóteses que comumente forçam a validade nacional dos fatos.

indivíduos se alinhavam e distribuíam, segundo os consumos escolhidos, as maneiras de apropriar-se deles e outras formas de “estar” na Garraux.<sup>6</sup>

Nela, a livraria oferecia, muito mais que as outras seções, bens e espaço para a expressividade das oposições sociais fundamentais do campo de poder. Nesse ambiente, a posição do livreiro gerente era uma plataforma privilegiada de observação e mediação dessas contendas. Dessa qualidade derivava uma lógica de privilégios. Em 1926, o livreiro Lopes, que tinha substituído Jacinto Silva, uma vez que este fundou o salão e a Editora O Livro, se afastou da Garraux, e José Olympio assumiu a gerência da livraria. Retrospectivamente, a posição do afilhado do ex-governador tinha mudado consideravelmente. Por essa época, Altino Arantes presidia o Banco do Estado de São Paulo, cuja sede era próxima da Casa Garraux, e todas as semanas convidava o gerente da livraria para almoçar na “Brasserie da Praça Antônio Prado, encontros sempre regados com Medoc ou um Chianti Ruffino”.<sup>7</sup>

Em 1928, José Olympio trouxe toda a família para a capital. Graças a seu ofício e relações, arrumou um emprego para o pai no Departamento do Café, com remuneração de um conto e duzentos por mês. Com o correr dos anos, três dos irmãos homens foram trabalhar no ramo livreiro. No final da década, José Olympio conheceu Vera Pacheco Jordão, *habitué* da Casa Garraux. Filha caçula de Geraldo Pacheco Jordão, engenheiro de renome,<sup>8</sup> e Benedita Marinho, representante de família “tradicional”. Vera nasceu em Paris, em novembro de 1910, formou-se em importantes colégios e transitava com fluidez pela cultura francófila da época. Ela e suas irmãs mais velhas chegaram a ser proprietárias de um colégio. Finalmente, em 1931, José Olympio galgou a sua própria atividade comercial, ao adquirir uma das maiores bibliotecas particulares do Brasil, de propriedade de Alfredo Pujol.<sup>9</sup> José Carlos de Macedo Soares<sup>10</sup> interveio tanto na aproximação de José Olympio com Vera quanto na compra da biblioteca de Pujol. Sebastião Pacheco Jordão, tio de Vera e professor da Faculdade de Direito, pediu informações a Macedo Soares sobre o desconhecido pretendente

<sup>6</sup> Cf. Broca (1956). Em certa medida, pode-se afirmar que na Garraux se gerava um microcosmo social análogo ao descrito por Habermas para os salões e cafés europeus (HABERMAS, 1984, p. 45).

<sup>7</sup> Carta de José Olympio a “meu caro colega e Presidente Jânio Quadros”, de 25/1/86, p. 3.

<sup>8</sup> Este construtor foi responsável por trazer da França o macadame no começo do século.

<sup>9</sup> Alfredo Pujol (São João da Barra, Rio de Janeiro, 20/3/1865 - 20/5/1930, São Paulo), foi um advogado consagrado no cenário intelectual do começo do século, a partir de um estudo sobre Machado de Assis. Esta obra lhe valeu a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1917. Mas, além do seu destaque como fundador, em 1916, da *Revista do Brasil*, na capital se falava dele por conta de sua biblioteca.

<sup>10</sup> Macedo Soares tinha sido presidente da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato até o momento de sua liquidação, em 1925. Também foi diretor do Banco de São Paulo e realizou carreira política depois de 1930 (HALLEWELL, 1985, p. 350).

(VILLAÇA, 2001, p. 76). Mais tarde, Macedo Soares seria o padrinho de casamento. A compra da biblioteca de Pujol foi sugerida a José Olympio por Macedo Soares, que também era um reconhecido bibliófilo. Paga com um empréstimo de Macedo Soares, a biblioteca foi escriturada em 14 de abril de 1931, um ano depois da morte do bibliófilo.

Para José Olympio, o projeto de editar livros foi simultâneo à sua independência como livreiro, como demonstra o lançamento do primeiro título sob o selo com seu nome, apenas um mês depois de inaugurada a livraria. A “psicologia” foi um primeiro filão do catálogo, como indica o título escolhido para o primeiro lançamento: *Conhece-te pela Psicanálise*, de Joseph Ralph, cujos direitos de publicação contratou via Estados Unidos. Para o início da edição de autores nacionais, as escolhas não estiveram afastadas dos círculos de elite locais e dos eventos do momento, de sucesso público garantido. Os episódios da Revolução Constitucionalista começaram a ser explorados em maio de 1932, com *Itararé, Itararé. Notas de campanha*, do paulista Honório de Sylos,<sup>11</sup> segundo título do catálogo. O terceiro título foi uma reimpressão de *A Ronda dos Séculos*, contos de Gustavo Barroso. Esse escritor, que na época apregoava um discurso antissemita e passava a liderar o Movimento Integralista Brasileiro, acabara de ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras (HALLEWELL, 1985, p. 352). De um lado, a possibilidade de editar este livro denotava o prestígio de José Olympio como personagem do mundo do livro em São Paulo, ainda antes de lançar a se editar. Não obstante, observa-se que Barroso, assim como Plínio Salgado, o outro intelectual líder do integralismo, atravessava uma fase de profusa edição de livros, que iam desde contos e poesias até panfletos políticos e diatribes racistas. Barroso era preferentemente editado pela Civilização Brasileira e pela Companhia Editora Nacional, de propriedade de Octalles Marcondes Ferreira. Tanto nessas editoras quanto na José Olympio e na Livraria do Globo de Porto Alegre, onde também foram editados livros com mensagens antissemitas (HALLEWELL, 1985), não se pode comprovar uma adesão doutrinária dos editores a algum dos movimentos políticos da época. Tampouco seria exato atribuir-lhes puros interesses comerciais. Mais que nada, as lógicas práticas que guiavam o recheio dos catálogos respondiam às relações pessoais com representantes de uma multiplicidade de posições do campo de poder. Além das alianças sociais, os capitais adquiridos na Casa Garraux por José Olympio estavam representados por um ofício e um modo de servir a clientes das distintas frações do campo de poder. Essa posição e *habitus* deram vantagens decisivas sobre qualquer

<sup>11</sup> Este tema foi realimentado no correr do ano com a publicação de *Sala de Capela*, de Vivaldo Coaracy, no final do ano; de *Jornal de um Combatente Desarmado*, de Sertório de Castro, em março de 1934; de *Cavaleiro de Itararé*, romance de Plínio Salgado, sobre quem nos referiremos mais adiante.



outro concorrente do período. O princípio “social” de seleção se torna mais nítido a partir de abril de 1933, quando as atividades editoriais da livraria adquirem maior volume. Nesse mês, José Olympio passou a participar da corrida dos editores para publicar *Memórias e Dom Miguel no Throno*, dois livros póstumos do historiador e político Oliveira Lima, que sua mulher Flora oferecia desde Portugal. Esse ano Altino Arantes estava exilado em Lisboa, e foi por seu intermédio que José Olympio obteve o privilégio da viúva de Lima.

De abril de 1933 também são as primeiras correspondências de José Olympio com Humberto de Campos, acadêmico já abatido pela crítica como pré-modernista, mas de impressionante sucesso de público mediante suas crônicas de jornal e romances satíricos ou “psicológicos”, segundo juízos críticos da época.<sup>12</sup> Diferentemente do caso dos livros de Lima, as vias que levaram à edição de Humberto de Campos desnudam uma habilidade especificamente comercial de José Olympio e um triunfo propriamente editorial de sua livraria. Residente no Rio de Janeiro, Campos era o autor de uma longa lista de livros editados pela Marisa Editora, selo de escassa expressividade. Seu editor era o senhor M. Sobrinho, que, apesar do volume de vendas de seu editado, não arriscava edições de mais de 2 mil exemplares. José Olympio atraiu Campos com uma proposta de risco para editar um livro de crônicas que o autor vinha anunciando: pagaria 2.000\$ de adiantamento e sugeriu tirar 5 mil exemplares de um livro inédito de 300 páginas. Surpreendido, Campos respondeu:

[...] não acha excessiva uma edição de 5.000 exemplares? Não conheço os seus mercados; mas, se quiser tirar edição menor fazendo abatimento nos lucros do autor, estou de acordo. Um homem de bem deve ser leal com outro homem de bem. E é um amigo que fala a outro amigo. Nestes dez ou doze dias vou meter mão às *Memórias*. Será você o editor. Está dada a palavra, e fechado o negócio (carta a José Olympio, 8 de junho de 1933).

Embora depois José Olympio recuasse, reduzindo a tiragem para 3 mil livros, sua audácia cativou o acadêmico e deixou para trás concorrentes como Hildebrando de Lima, da Civilização Brasileira. Nas justificativas para a mudança de editor, Humberto de Campos contrapunha a seriedade de José Olympio com a mesquinha de M. Sobrinho. *Os párias*, o primeiro título de H. de Campos editado por José Olympio, foi um dos maiores *best-sellers* de autor brasileiro da década. Em agosto de 1938 já tinham sido publicados 22 mil exemplares a 10\$000 (Catálogo de agosto de 1938, p. 1). O editor paulista passou a editar quase todos os livros do acadêmico, e

<sup>12</sup> Sobre a trajetória deste acadêmico como um protótipo de escritor polígrafo, modelo de intelectual dominante nos tempos da República Velha, ver Miceli (1975).



em 1935 as *Obras Completas* ficaram prontas. Com elas, José Olympio afinou um motor comercial que permitiria evoluir, diversificar os lançamentos, arriscar com valores novos e gêneros inéditos.

## DINHEIRO E AFETO

Desde seu primeiro grande editado, José Olympio misturou o comércio com o afeto, o público com o privado. Dessa fórmula emanava o tipo de poder cultural que foi acumulando até se converter no “editor da Cultura Brasileira”. Portanto, é relevante destacar a dimensão “íntima” dos laços entre José Olympio e seus editados como substrato da marca. À medida que o editor elevava sua prosperidade, grande parte dos benefícios de seu trabalho era revertido em dons para os escritores, laços que asseguravam a identidade mais próxima possível com a casa editora. Esse tipo de relação remontava aos familiares dos autores. No caso dos herdeiros de Campos, podem-se encontrar correspondências dos anos 1940 em que esposa e filho solicitam empréstimos e ajuda para solucionar uma situação econômica penosa diante da qual tiveram que ir vendendo os bens do escritor: “sei que o Sr. não tem obrigação alguma quanto aos meus problemas, mas é que o Sr. é o único homem que conheço dos que papai chamava de amigo” (CAMPOS FILHO, [Carta], 12/2/47).

Igual habilidade como editor explica a forte relação que José Olympio teceu com José Lins do Rego, a partir de 1933. Nesse mesmo ano iniciou uma competição com editores de vanguarda estética como Schmidt, Cruls e Grieco, ao propor a José Lins do Rego uma reedição de 10 mil exemplares de *Menino de Engenho* e um lançamento com 5 mil cópias para *Banguê*, terceiro título do autor paraibano. Com uma oferta semelhante, José Lins do Rego teria continuado com os editores da Ariel, selo de seu segundo livro. Entretanto, tal proposta a um escritor de vanguarda foi tomada, na época, como uma audácia irracional, sem chances de concorrência. Em julho de 1934, Vargas foi confirmado como presidente pela Assembleia Constituinte, e os livros de José Lins do Rego foram lançados em uma tarde de autógrafos realizada três dias depois da inauguração da livraria José Olympio do Rio de Janeiro. Não se tratava de uma tomada de consciência de um ser predestinado sobre os rumos da nova literatura nacional. Tanto a aposta de risco em Rego como a ida para a capital estão relacionadas à crise e à desestruturação do mundo no qual este livreiro estava se formando como ser social.<sup>13</sup> Uma demonstração disso pode ser o fato de que demoraria anos para ter *Banguê* esgotado.

<sup>13</sup> Refiro-me ao desmembramento de posições e projetos das elites paulistas nos primeiros anos da década de 1930, o que provocou reconversões, cujos êxitos foram sentidos anos mais tarde.

O vínculo de José Lins do Rego com este livreiro-editor em pouco tempo estendeu-se por um amplo conjunto de bens de diversas espécies dispostos em um circuito de trocas. As altas tiragens comprometiam o autor a retribuir a confiança que o editor lhe depositara. Diferentemente de Schmidt, que recrutava seus pares intelectuais em uma empresa “por amor à arte”, sem qualquer cuidado em matéria de direitos autorais ou de retorno financeiro para o criador, José Olympio destacou-se não somente por conceder regularmente 10% pelos direitos do autor, como também pelo pagamento antecipado, ajudas pessoais e inclusive subsídios para liberar seus melhores escritores de outras obrigações, para desenvolverem pesquisas e coleções de ensaios. Em meado da década de 1930, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz viviam em Maceió, capital de Alagoas. Lá suas vidas literárias eram atraídas pela força de reuniões de uma *roda de intelectuais* da qual também participavam Graciliano Ramos, Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, Tomás Santa Rosa, Hildebrando e Jorge de Lima.<sup>14</sup> Esse restrito círculo de produção e difusão cultural juntava-se a outros grupos modernistas do Norte e de outros estados. As *rodas de intelectuais* formavam um sistema de produção e circulação cultural, cuja dinâmica era central para a evolução das práticas intelectuais e editoriais do início dos anos 1930. Em uma época em que a figura do distribuidor era inexistente, as políticas nacionais de educação estavam sendo instauradas e a manutenção de filiais de editoras só começavam a ser possíveis para editores de livros didáticos, ou seja, em um tempo em que a comunicação e as trocas entre as principais cidades estavam dominadas por ações personalizadas, o cuidado da relação com José Lins do Rego por parte do editor redundou em uma multiplicação de seu renome ante os vários autores em situação semelhante – pertencentes a um espaço literário nacional incipiente. Para José Lins do Rego, a grande tiragem de seus livros representava, como um estoque de publicidade potencial, um compromisso moral com o editor. Isso explica seu empenho para acelerar com seu próprio esforço a saída comercial de seus livros e a divulgação de todo o catálogo José Olympio. Para tanto, passou a controlar o abastecimento das livrarias do Nordeste e a utilizar os *rodapés de crítica* dos principais jornais do período, nos quais ele e os escritores amigos escreviam. Mesmo quando a venda dos primeiros livros desse autor não era boa, José Olympio redobrava as apostas no talento de um escritor que era capaz de dar à luz um romance por ano. Lentamente, José Lins do Rego foi aproximando outros amigos do editor, como Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, autores cujo reconhecimento

<sup>14</sup> Para uma análise exemplar deste espaço de produção intelectual e do funcionamento das rodas literárias nas décadas de 1920 e 1930, ver Silva (2004).

também tinha nascido da publicação inicial pelos selos dos críticos literários. Dinâmica semelhante ao catálogo José Olympio também se verifica com representantes de círculos de intelectuais de Minas Gerais e São Paulo.

Na hierarquia de gêneros, o catálogo José Olympio afirmou o romance como uma forma ajustada às narrativas sobre um “país” real e orientada, por oposição à poesia, gênero anteriormente dominante, para um público “geral”. O fundo editorial foi sedimentado por duas linhas provedoras de prestígio cultural: de um lado, a coleção Documentos Brasileiros (história, ensaio, sociologia, antropologia, biografias, política), uma “brasileira” dirigida sucessivamente por alguns dos intelectuais de maior renome no Rio de Janeiro (Gilberto Freyre, seguido por Octávio Tarquínio de Souza e Afonso Arinos de Melo Franco).<sup>15</sup> De outro, a edição do *romance nordestino* (Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida). Logo seguia a edição de poetas, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cecília Meireles, e uma diversidade de autores filiados a diferentes correntes modernistas. A demanda popular foi atendida com a obra do decadente Humberto de Campos, coleções policiais, *romances para moças*, crônicas de épocas e *best-sellers* americanos escolhidos por Vera, a esposa de José Olympio.

Diferentemente dos editores “intelectuais”, José Olympio não contava com uma “cultura literária”, não era um “leitor”. Entretanto, a passagem pela Casa Garraux concedeu-lhe um saber específico para a comercialização de livros e de um extenso capital de relações sociais e políticas. Finalmente, as condições para que um ser externo ao mundo literário pudesse realizar tamanha ação de profetismo cultural estiveram associadas às propriedades do espaço de sua livraria em um momento específico da vida política do Brasil. A Livraria José Olympio localizava-se na rua do Ouvidor, a mais nobre do Centro do Rio de Janeiro, em frente à tradicional livraria-editora Garnier.<sup>16</sup> Em meados da década de 1930, a livraria ainda era uma instituição dominante na atividade editorial e intelectual, abarcando funções como espaço de socialização e de formação de projetos culturais posteriormente arrebatados por outros âmbitos, como, por exemplo, as universidades.

<sup>15</sup> *Brasiliana* é uma palavra que baliza a história do livro no Brasil. Indica o princípio mais poderoso para organizar coleções com aqueles livros que devem ser lidos para conhecer o Brasil. Denota uma biblioteca metafórica do país, em que um leitor de fora, por exemplo, possa, de uma só vez, ter toda a cultura nacional ao seu alcance. Pontes (1988) fez uma análise de três variantes editoriais de coleções *brasilianas*, entre elas a de José Olympio. Num trabalho sobre a exposição do Brasil como país tema da feira de Frankfurt em 1994, apresentei uma análise da *Brasiliana* Frankfurt, criada pela Biblioteca Nacional para tal evento (SORÁ, 1996), por meio da qual se evidencia a vigência desta palavra como princípio de classificação e disputas pela universalização de autores e obras necessárias ao recheio de seu significado.

<sup>16</sup> Este comércio foi fundado em 1852 por Louis Garnier, membro da tradicional família de livreiros parisienses. Selo editor de Machado de Assis, Garnier representava uma livraria-salão, onde ocorriam encontros e reuniões frequentadas pelas altas hierarquias política, literária e artística do Império.

Cada “geração” literária se apropriava de uma livraria em particular, que passava a ser marcada por suas *rodas de intelectuais*.<sup>17</sup> A Livraria José Olympio nucleou as vanguardas intelectuais da década de 1930. Os autores da livraria que, com poucos recursos, desciam do Nordeste e de outros estados lá recebiam correspondências, marcavam encontros e debatiam pelas tardes, protestando contra a Academia e os responsáveis pelo atraso do país. Sua diferenciação neste espaço foi notória a partir do momento em que José Olympio separou a livraria de um escritório editorial estabelecido em 1935, a quatro quadras daquela.

A identidade do grupo de autores do catálogo José Olympio foi reforçada em um contexto de crescente intervenção e repressão cultural por parte dos aparatos ideológicos e culturais do vanguardismo. Desde 1937, quando Vargas deu o golpe que instaurou por oito anos o Estado Novo, a livraria passou a servir de refúgio, como uma espécie de terra liberada. Uma vez instalado no Rio de Janeiro, José Olympio aproximou-se de personagens-chave do círculo político de Getúlio Vargas, como o chefe da polícia, Filinto Müller, e o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes.<sup>18</sup> Esses vínculos permitiram, de um lado, que seu comércio se beneficiasse de privilégios oficiais em um tempo em que o mercado do papel importado era controlado pelo governo. De outro, as relações de serviço oficial fizeram com que José Olympio fosse escolhido como o editor de discursos e ensaios do Chefe Nacional e de seus principais corifeus (Azevedo Amaral, Almir de Andrade, Francisco Campos, Oliveira Viana etc.). No momento em que a perseguição e prisão fecharam o cerco em torno da vida de grande parte dos ensaístas e romancistas da livraria, José Olympio interveio junto às autoridades para liberar obras e autores. Essa atitude reforçou a confiança e a dívida dos autores em relação a um homem que, pela direita ou pela esquerda, podia ser considerado um indivíduo fora de julgamento, um “amigo de todo mundo”.

<sup>17</sup> A “clássica” livraria Garnier, onde antigamente marcavam reuniões os fundadores da Academia Brasileira de Letras, estava em decadência. A Livraria São José era o âmbito de uma *roda de bacharéis*; Kosmos atraía gente de ciências e bibliófilos; “os filósofos mais velhos tinham a Livraria Francisco Alves; Humberto de Campos, aquela gente anterior, eles tinham outras editoras e outras livrarias. Mas nosso grupo se reunia na José Olympio, nossa geração, digamos” (Entrevista a Rachel de Queiroz, 25/2/97, p. 27).

<sup>18</sup> Instalado no Rio de Janeiro, José Olympio não só granjeou amizades com os grupos intelectuais de vanguarda, mas também com meios políticos e militares do poder central. Em carta datada em 18/5/83, o editor contava ao presidente J. Figueiredo: “Vindo para o nosso Rio em 33/34, fui conhecendo e fazendo amizades com militares, como Nelson de Mello [...], Eduardo Gomes, Juracy, Mário Travassos, de quem editei seu excelente livro na coleção Documentos Brasileiros. Outros editados da coleção foram Menezes Cortes [...], Agildo Barata [...], José Aurelio Saraiva Câmara [...], Dutra, Afonso de Carvalho, etc. Filinto Müller (tão negado e vilipendiado, tendo sido mesmo um parlamentar da maior grandeza como Presidente do Congresso; fomos amigos íntimos), João Alberto (outro caluniado...), Nelson Werneck Sodré, de quem fui editor de quase todos os seus livros, Meira Mattos, Heitor Ferreira, do Presidente Castelo Branco [...]”

## UMA FAMÍLIA EDITORA: PATRIARCALISMO

### E PARENTESCO PRÁTICO

Em uma época em que os poderes “públicos” alteraram todos os domínios da vida social, os autores e a família do editor José Olympio levaram ao extremo a valorização da livraria-editora como uma “casa” e de seus vínculos como uma família:

Quando me mudei para o Rio em 39, a editora já era uma casa. Eu já tinha publicados *Caminhos de Pedras*, *As Três Marias*, e foi um amor à primeira vista o que tive com a casa. Desde então permanecemos amigos pelo resto de nossas vidas. José Olympio foi realmente um dos homens mais generosos, mais leais, mais decentes que já conheci. Seu irmão, Daniel, era como se fosse meu irmão; ele era meu compadre, e Diva, sua mulher, minha comadre. Seu filho é como meu afilhado, e Beth, a filha, me chama de “tia”. Então a família de José Olympio passou a ser a família que eu não tinha no Rio. Eu me considerava como uma da família e eles me tratavam como tal: batismos, casamentos, filhos pequenos. Eu estava com eles. Era engraçado porque José não sabia nada de francês, mas mesmo assim me chamava de *ma soeur* [...]. Desde 1939 passei a ser uma das ratas da livraria, como tantos outros. Éramos principalmente Graciliano, Zé Lins, Jorge Amado, Carlos Drummond. José tinha alma patriarca, e os autores se tornavam seus amigos. Os autores da casa nós encontrávamos na livraria, depois uns recebiam aos outros e se criava aquele círculo maior [...] éramos um grupo de contemporâneos e sobretudo de amigos.

– E que perfil tinha José Olympio como homem de negócios?

Ele tinha uma presença um tanto majestosa. Ele era grande, gordo e queria ser muito austero. Sobretudo José Olympio era uma pessoa leal, com a que se podia contar. Por exemplo, se alguém atravessasse um momento difícil de sua vida, ele conseguia uma tradução, inventava ou reeditava um livro esquecido para adiantar dinheiro. Ninguém vivia dos direitos do autor, mas José Olympio sempre nos pagava adiantado. Nós traduzíamos porque precisávamos do dinheiro. Ele era uma pessoa amiga dos amigos, muito leal e como editor tinha uma enorme capacidade. Ele era guiado por um faro que lhe permitiu conhecer-nos quando ainda nem éramos famosos. Isto lhe dava um orgulho que lhe levava a dizer: “De vocês rapazes, ninguém sabia! Eu lhes descobri, eu fui quem lhes descobri!”.

– Entretanto, havia figuras como Schmidt ou Cruls que editavam livros inéditos.

Tem razão. Mas enquanto viveu José Olympio, ser editado pela Zé Olympio era um sonho de todo novato [...] Quando eu recebi no Ceará a carta do JO onde me dizia “Eu sei que você tem um novo romance...”, imagina, eu me achei muito gloriosa! Eu permaneci na casa até depois que eles morreram. Fui a última pessoa a sair. Não era à toa que ele me dizia: “Fidelidade, teu nome é Rachel”. (SORÁ [Entrevista com Raquel de Queiroz], 27/7/97)

A editora cresceu como uma família cultivando um *esprit Maison*. Editores e editados referiam-se à editora como a Casa, como uma entidade volitiva, ativa: “a casa está bem”, “a casa lançou...”, “a casa recebeu o Presidente...”. Os editores e os autores, que também eram os principais selecionadores e tradutores, tratavam-se com uma linguagem de parentesco e levaram seus entrelaçamentos até o compadrio cruzado de muitos de seus filhos e netos.<sup>19</sup> Os laços da Casa, quando esta foi comandada por José Olympio, resumem-se, nos termos de Weber, em um modo de dominação patriarcalista e tradicional. Esse editor destacou-se como um bom homem de negócios, quando ainda não estavam reguladas as relações jurídicas entre autores e editores. Ele foi tido como um líder arbitrário que, à sua maneira, se valia dos escritores como irmãos em troca de proteção com favores da Casa. A estrutura do grupo da Casa José Olympio, a identidade social dos membros, as possibilidades de carreira desses escritores em vanguarda, a reprodução de suas obras dependiam das funções fraternal e paternal que formavam o princípio de sua constituição e organização como grupo. A Casa se movia por uma rede privilegiada de relações práticas, que abrangia não somente as relações genealógicas em funcionamento (parentesco prático), mas também um conjunto de relações não genealógicas utilizáveis diante de uma comunidade de interesses (relações práticas) (BOURDIEU, 1991, 1993).

Em uma época em que a tradução não era monopólio de especialistas e os cursos universitários ainda não titulavam os agentes habilitados para a “crítica”, o reconhecimento como escritor aglutinava um feixe de formas de autoridade quando alguém era indicado para “dar à luz” textos e leituras. Assim, os autores estavam ligados às editoras não somente por seus próprios livros. O grau de aproximação dos escritores com a editora expressava-se pelos trabalhos subsidiários que José Olympio ia depositando neles e as condições que o editor criava para que os escritores fizessem da escrita o momento culminante de um mundo de “trabalho”. Certos autores da Casa,

<sup>19</sup> Das relações de fraternidade mais fortes, destacaram-se José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade. Foram raros os casos como o de Jorge Amado, que no início dos anos 1940 rompeu com esta editora em busca de uma caracterização de sua pioneira carreira como de “esquerda” e “internacional”. Sendo assim, passou a ser editado pela Livraria Martins Editora, que iniciou a publicação de livros em 1940, em São Paulo.

nem todos, passaram a usufruir da editora como uma fonte de dedicação quase permanente à vida literária. A maior aproximação com o editor também lhes permitia ganhar preferências como selecionadores de títulos. Se as obras de risco cultural emanavam dos escritores, as linhas orientadas ao grande público eram escolhidas pela esposa e irmãos de José Olympio.

Com o passar dos anos, José Olympio foi incorporando seus irmãos mais novos ao trabalho editorial. A divisão de funções entre os irmãos e escritores foi liberando progressivamente José para desdobrar a qualidade melhor incorporada desde os tempos da Garraux: as relações públicas. Ao contrário de editores como Augusto F. Schmidt e de uma maneira mais nítida que Monteiro Lobato, José Olympio não era “um intelectual”. Segundo os testemunhos de Sebastião Macieira, um colaborador muito próximo de José Olympio a partir dos anos 1950, na sua sala o editor não lia originais. Ele passava grande parte do tempo lendo vários jornais, mantendo-se informado para trocar opiniões sobre política e vida quotidiana com os autores, políticos e amigos que o visitavam diariamente no escritório. Pode-se afirmar que José Olympio criou possibilidades inéditas para a expressividade de um mundo literário sem pertencer a ele. Ele acolheu as vanguardas dos anos 1930 em sua livraria, mas não possuía as ferramentas necessárias para participar dos debates que ali se geravam. Além de tudo, o que permite pensar em termos dos processos de diferenciação do mundo do livro, a oposição livraria *versus* escritório de produção editorial é central para compreender as diferenças internas ao microcosmo social gerado pelo empreendimento cultural comandado por José Olympio.

## AMIZADE E POLÍTICA

O poder de José Olympio se expressava na extensão e força dos vínculos que ele teceu com autores de sucesso, de vanguarda, com políticos de variadas tendências, com elites sociais e com personagens da “vida mundana”. As formas de acumular e gerir seu capital social explicam o que as teorias estéticas e políticas não aceitam nem conseguem dirimir: o fato de José Olympio ter se relacionado fraternalmente com autores como Graciliano Ramos e com pessoas como Lourival Fontes; ter criado condições essenciais para a expressividade pública das vanguardas intelectuais dos anos 1930; e ter monopolizado como poucos os privilégios do mecenato estatal que dali em diante dominou na evolução da cultura brasileira. Junto ao quadro sociológico que apresenta a matriz das práticas, é fundamental recuperar as percepções e representações dos próprios agentes sobre o seu mundo. Na entrevista a Rachel de Queiroz, em 1997, lhe perguntei como foi a amizade de José Olympio com Vargas.



Muito discreta. Ele dava apoio ao Getúlio, e uma vez por outra o Getúlio dava uma visita solene; visita de Estado à casa, quando nós, os comunistas, nos escapulíamos [...] Ele era um homem muito inteligente, e ele via que a casa só podia viver... livro é matéria explosiva, né?... só podia viver dando-se bem com o governo. Como nós, os autores, só falávamos mal do Getúlio, nos artigos, tanto quanto a censura permitia, ele tinha que ser o intermediário, e na verdade nunca nossos livros foram confiscados nem nada. Mas o Zé Olympio nunca teve posição política nenhuma. Não tinha mesmo. Ele achava que as pessoas são as pessoas, a política é a política; uns acertam, outros erram. Ele era um homem de risada muito larga, assim... muito generosa (SORÁ [Entrevista com Raquel de Queiroz], 1997).

É possível sintetizar as representações sobre as relações de José Olympio com o mundo da política no seguinte argumento: “José Olympio era *situacionista* (amigo dos homens fortes dos governos da vez), mas atuava pela liberdade de expressão de seus editados”. Essas formulações funcionavam como um escudo de proteção diante de qualquer insinuação sobre os privilégios de José Olympio com os benefícios do mecenato de Estado entre 1930 e 1980. O argumento de Rachel de Queiroz é mais simples e conciso nas palavras de Plínio Doyle:

– Quais eram as qualidades que faziam José Olympio tão diferente dos outros editores?

A amizade dele; ele era amigo de todo mundo. A principal arte dele era a amizade. Eu conheci quatro presidentes da República lá no escritório dele. Ele era amigo de Getúlio porque editou a obra do Getúlio; era amigo de Café Filho porque editou a obra de Café Filho; era amigo do Juscelino, que frequentava a livraria; era amigo do Castelo Branco, que frequentava a livraria [...]

– Em que ocasião você conheceu Getúlio?

Conheci lá. Eu fui conversar, ele estava lá e fui apresentado a ele.

– Mas Getúlio frequentou a editora?

Ah! De vez em quando aparecia lá. O presidente da República morava no Rio de Janeiro, não é?

– José Olympio chegou a ser amigo dele?

José Olympio fazia amizade com todo mundo.

– Frequentava o Catete?

Frequentava o Catete. Chamava o Presidente para almoçar.

– Ele demonstrava opinião política?

Muito; era muito político, vivia na política.

– De que maneira expressava isso?

Ah! Seguindo a política do governo e tal. Não tinha nenhum partido em especial, não. Se ele achava que o governo estava bom, ele continuava com o governo bom. Ele queria amizade, ele queria amizade.

– Por exemplo, na época do Estado Novo, travou amizade com Lourival Fontes.

Lourival Fontes era editado dele, era frequentador.

– E os contatos do José Olympio com o DIP, órgão que teve muitas edições publicadas pela José Olympio?

Não! Nunca se envolveu na José Olympio o DIP. Nunca se envolveu na José Olympio.

(SORÁ [Entrevista com Plínio Doyle], 1997)

Na memória coletiva emergem dois episódios que revelam propriedades puras de José Olympio, como pessoa acima das espúrias rixas dos mundos da literatura e da política, uma pessoa “carismática” e “pragmática”, cujos interesses estariam focalizados além das afinidades eletivas entre *igrejinhas* intelectuais e campanhas de cooptação política. Como um mago que encanta com o próprio material das crenças que a opinião pública deposita sobre a sua figura, o próprio José Olympio usava esta retórica:

Bilhete em 19.9.1986

Amigos: Dona Marly, Sarney, Roseane, Marco Maciel, José Aparecido e o mais novo, mas já velho amigo General Denys.

Ao longo da minha vida *tive uma montanha de amigos íntimos* nas ou das chamadas Forças Armadas. Vou tentar lembrar-me de alguns nomes: [...]

Quero aproveitar para contar a vocês certa curiosidade. Gostava e gosto muito do Jorge Amado. Dele editei seus três melhores livros: Jubiabá, Mar Morto e Capitães da Areia. Até me ajudava um pouco na Editora. Quando saiu Capitães da Areia fiz na Bahia um lançamento algo sensacional [...]. Foram queimados, em cerimônia cívica, numa determinada praça de São Salvador – assim era chamada, nessa época – a capital baiana, uma montanha de seus livros. Só de Capitães da Areia mil exemplares. De Jubiabá, Mar Morto, Paiz do Carnaval, Suor, de 200 a 300 exemplares de cada um. Tenho Auto de Fé lá nos meus arquivos na Casa Rui Barbosa. Não estou conseguindo me lembrar do autor da façanha. Foi em 1938.<sup>20</sup>

Era o coronel X, interventor na Bahia. Inexplicavelmente sou depois surpreendido, sem a menor explicação do Jorge Amado, [por] sua passagem para a Editora Martins.<sup>21</sup> Antes disso havia ocorrido isto: Jorge é preso como comunista. Vou à Chefatura para tentar soltá-lo. Mando entregar ao Capitão Miranda Corrêa, delegado da Ordem Política e Social, pelo seu chefe de gabinete, meu cartão. Manda entrar. Era um homem alto, forte, bonito até. Porém, com cara de poucos amigos. Disse-lhe ao Capitão Miranda Corrêa ao que ira. “Mas o Sr. vem aqui a seco, sem uma apresentação, para um assunto tão grave”. Eu lhe respondi, “capitão, o Sr. me diga o que o Sr. está fazendo sentado aí à frente de sua escrivaninha”. E acrescentei sem esperar a resposta dele. “O Sr. está a serviço do Brasil, como estou eu na minha sala, na Editora”. – “Mas o Sr. afirma que esse tal de Jorge Amado não é comunista. Afinal é ou não é?” – “Afirmando-lhe que não é. Socialista ele pode ser” (eu estava cansado de saber que o Jorge era comunista, mas eu estava lá, tinha ido lá, para soltá-lo). Ser comuna naquele tempo era um ato de coragem. Conheço bem todas essas histórias.

Meu querido Graciliano, respondendo a um jornalista quais eram seus maiores amigos, assim respondeu: “São dois: Zé Lins e José Olympio”. Seu importante livro Memórias do Cárcere foi editado pela Casa, algum tempo depois da sua morte [...]. Todo mês, durante algum tempo, levava um capítulo e recebia seu dinheirinho adiantado. Isso durou tanto tempo

<sup>20</sup> Em *Vida de Luís Carlos Prestes*, Amado narra o episódio de 19 de novembro de 1937, quando o coronel Antônio Fernandes Dantas confiscou livros em várias livrarias de Salvador. Os livros recolhidos eram queimados em praças públicas. Segundo o autor, nessa noite, em Salvador, o fogo incinerou 808 exemplares de *Capitães da Areia*, 223 de *Mar Morto*, 89 de *Cacau*, 93 de *Suor*, 214 de *O País do Carnaval*. De José Lins do Rego, 15 de *Doidinho*, 26 de *Puzeza*, 13 de *Banguê*, 4 de *Moleque Ricardo*, 14 de *Menino de engenho*. Outros livros eram 23 exemplares de *Educação para a Democracia*, 6 de *Ídolos Tombados*, 2 de *Idéias, Homens e Fatos*, 25 de *Dr. Geraldo*, 4 de *O Nacionalsocialismo Germânico* e 1 de *Miséria através da Polícia* (HALLEWELL, 1985, p. 370).

<sup>21</sup> As passagens de Jorge Amado e Graciliano Ramos para a Martins, no início dos anos 1940 e 1950, respectivamente, envolvem particularidades cujos significados são tratados no último capítulo.

que só perguntando à minha velha e querida amiga Heloísa, sua viúva, que pode precisar o tempo que levou. Os capítulos eram guardados no cofre da Casa. Graciliano Ramos, quando não estava em casa, passava o dia na Livraria que era o Centro Intelectual do Brasil. Havia gente que nem tinha coragem de entrar lá, tais eram as celebridades que lá “moravam”. Graça passava o dia no banquinho do Pujol, dando seu expediente e fumando seu cigarro Selma. Fumava até o fim do cigarro a ponto de viver com seu dedo chamuscado. Um dos seus mais assíduos interlocutores era o grande e saudoso Carpeaux [...] Paulo Bittencourt, mais tarde levou-o para o Correio da Manhã. Coisas do saudoso Álvaro Lins.

Mas precisamos concluir a história do Jorge com o tal capitão. “O sr. diz que ele não é comunista” (vejam bem que eu estava conversando com o Delegado da Ordem Política e Social do Chefe de Polícia Filinto Müller, que, anos mais tarde, dada a minha frequência no Catete, nos tornamos amigos. Muito amigos e não “mui amigos”). “O Sr. é capaz de assinar uma declaração afirmando não ser ele comunista?”. “Não bato à máquina capitão, porém poderá o Sr. fazer-me o favor de mandar bater a declaração para eu assiná-la”. Pensou alguns segundos e me disse. “Pode ir, sossegado, que vou mandar soltar seu amigo, não vai depois arrepender-se”. E nunca me arrependi. Depois precisei soltar e soltei meu querido Santa Rosa. Gostaria antes de ir para o lado de lá, ver o grande Jorge Amado receber o Prêmio Nobel.

Mas desejo continuar a narrar-lhes nomes de alguns militares amigos meus, alguns até autores da Casa, e uns poucos amigos muito íntimos. Há uma certa prevenção contra a classe Militar. Injusta [...]. (OLYMPIO [Bilhete], 1986)

Na mesma carta de 1986, de dez páginas, José Olympio revelava como se reunisse os seus em torno do fogo, neste caso o presidente da República José Sarney, familiares e entorno:

Estou escrevendo um livro de Memórias Políticas, que pretendo concluir antes de ir para o lado de lá. Os originais ficarão lacrados na Casa Rui Barbosa, onde já se acham 70% da minha correspondência [...] Com tudo isso, minhas memórias políticas contêm tantas indiscrições, tanta coisa reservada – como essa degola da candidatura de Juracy – que meu livro somente poderá ser publicado a partir da primeira semana do século XXI.

(OLYMPIO [Bilhete], 1986)

Entre 1982 e 1988, José Olympio escrevia longas cartas a presidentes da República, especialmente Figueiredo e Sarney, nas quais resumia passagens anedóticas de sua convivência com amplos elencos de figuras do mundo político e literário às quais se foi unindo desde os tempos da Garraux. Tanto na Casa Rui Barbosa quanto entre pessoas próximas da vida do editor, não conseguiu informação sobre a existência ou não dos originais de um livro de memórias. É possível que a escrita das longas cartas às quais estou me referindo tenha sido as pré-formas de um “livro” finalmente não composto. José Olympio, nos anos 1980, também planejava escrever um livro de anedotas mais cotidianas para seus netos. No tempo de escrevê-las, José Olympio saía de uma longa fase de crise depressiva que o separou de qualquer âmbito de sociabilidade, entre 1975 e 1982. Este período foi o de maior crise da empresa, quando foi “salva pelo Estado” e passou a ser gerenciada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As cartas transmitem as dificuldades para “escrever um livro” de um editor que em sua trajetória não se submeteu a qualquer filtro “regular” de um sistema escolar/intelectual. Sentindo o fim da vida, as memórias inéditas eram confiadas às pessoas mais influentes do poder nacional. José Olympio se sentia um igual, alguém que cumpriu uma missão para o Brasil, para todos. Sentia-se além das posições mundanas, que é a condição do poder que consagra. Por isso, confessava suas memórias aos presidentes, os quais tratava como colegas, como amigos:

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1986

Meu caro colega e Presidente Jânio Quadros

Hoje é o dia dos seus digníssimos 69 anos, como é também o dos 432 da nossa magnífica e imensa Cidade de São Paulo (São Paulo da garoa, da Ladeira São João e do bonde Santa Cecília, do Prado da Mooca, do Frontão Boa Vista, do Café Brandão, do inesquecível e saudoso Casper Líbero, de Juó Bananere, do Paulistano de Antonio Prado Jr., do Friedenreich, do Restaurante Jacinto, do Palestra Itália e do Clube Tietê, do panfleto Parafuso, do Triângulo, de Oswald de Andrade, do Fasóli e do Bar Viaduto. Das mulheres caluniadas de “vida alegre” da Rua Timbiras que se alugavam por 3 mil-réis, das da então estreita Rua Ipiranga por 5 e por 10 às francesas e às polacas da Rua Amador Bueno. Do Trenzinho da Canteira, que de Tremembé passava por Chora Menino, Sant’ana e vinha desaguar na Várzea do Carmo), que conheci aos 15 anos de idade quando fui em junho de 1918 aprender lidar com livros no princípio apenas espanando-os – e onde, na Rua Quinze de Novembro, meu corpo de adolescente se formou, trabalhando de 7 da manhã às 7 da noite, de

2ª a Sábado, e muitas vezes com serão aos domingos, numa São Paulo de trezentos mil habitantes. Hoje a cidade deve andar pela casa de treze milhões. Assim que o imponderável me convocar quero ser cremado em São Paulo e após a cremação desejo que minhas cinzas sejam atiradas na Rua Quinze [...]. (OLYMPIO [Carta], 1986)

## CONCLUSÕES

A remontagem da trajetória de José Olympio mostra a imbricação de acontecimentos e condições reunidos para acumular um fundo editorial único na história cultural brasileira. Os capitais sociais por ele reunidos foram decisivos para formar uma posição segura diante de agentes das mais variadas esferas do campo de poder: políticos, financistas, militares, escritores, críticos. Devendo tudo à posição construída no mundo do livro, concentrou todas as suas energias nas relações públicas, uma destreza sem igual para impor sua competência como editor, como um promotor de cultura que equilibra as apostas entre o simbólico, o econômico, o público.

O estudo detalhado e progressivo da trajetória de um indivíduo é fundamental para mostrar a complexidade de fatores que dão razão às suas práticas, isto é, sentido, orientação, força e eficácia. Permite achar, ao mesmo tempo, elementos de validade geral em um espaço e tempo social determinado. Em última instância, pode-se afirmar que a força predominante nas ações de José Olympio foi o capital social, para o qual ele subsumia ou reconvertia as outras espécies em jogo no mundo editorial e literário. Por intermédio do caso de um editor central na história do livro no Brasil, este trabalho buscou mostrar a complexa maneira como no Brasil se impõem as relações sociais, a linguagem da amizade e do parentesco nas altas esferas do poder. Assim, buscou contribuir para uma tradição da antropologia brasileira que, de Gilberto Freyre em diante, ressalta a força das relações de interdependência pessoais como uma dimensão sociológica transistórica que, cada dia mais, parece absorver o todo.

## ABSTRACT

*This article analyzes the social conditions that allow explaining how and why José Olympio was the publisher who monopolized, by the end of the 1930 decade, the edition of considered essential books to think and understand Brazil. In general trends, this study observes and analyzes the social, economic and political capitals acquired by this publisher. First, it presents some aspects of his social trajectory: his socialization and prime experience related to books; his family constitution and the destinies of its members; the construction of a sense of family which included writers, politicians, businessmen and*

*common people not directly related by kinship. Second, this article interprets the different uses and interpretation of specific practices related to the edition of books, as innovative acts of cultural production, as a power differentiated from the commercial bases of book selling trade. Third, this article focus on the relationships between José Olympio and several agents from the power field that allowed him to construct his unequal position in the Brazilian book market, from the end of 1920 decade in São Paulo to the middle of 1940's in Rio de Janeiro.*

*Keywords: Editorial field; the book market social history; printed culture and nation; José Olympio; personal relationship and power.*

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil: notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua Livraria em São Paulo. In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie brésilienne*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963. (Separata da Introdução).

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira (coord.). *Dicionário histórico bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *El sentido práctico*. Madrid: Taurus, 1991.

\_\_\_\_\_. À propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 100, p. 32-36, 1993.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação: Ministério de Educação e Cultura, 1956.

CAMPOS, Humberto. [Carta endereçada a José Olympio]. 8 de junho de 1933. Disponível no Acervo José Olympio/ Biblioteca Nacional.

CAMPOS FILHO, H. [Carta endereçada a José Olympio: esposa de filho de Humberto Campos solicitando ajuda financeira]. 12 de fevereiro de 1947. Disponível no Acervo José Olympio/ Biblioteca Nacional.

EDITORA JOSÉ OLYMPIO. *Catálogo de publicações*: Agosto. Rio de Janeiro, 1938.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp: Queiroz, 1985.



MICELI, Sérgio. Division du travail entre les sexes et division du travail de domination. Une étude clinique des anatoliens au Brésil. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 5-6, p. 162-182, 1975.

OLYMPIO, José. [Carta endereçada a Jânio Quadros]. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1986. Disponível no Acervo José Olympio/ Biblioteca Nacional.

OLYMPIO, José. [Carta endereçada a Carlos Átila, secretário do presidente J. Figueiredo]. 2 de agosto de 1983. Disponível no Acervo José Olympio/ Biblioteca Nacional. (Assinatura e pós-data.)

OLYMPIO, José. [Bilhete]. 19 de setembro de 1986. Disponível no Acervo José Olympio/ Biblioteca Nacional.

PEREIRA, Antonio Olavo. *Marcoré*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras nas décadas de 1930, 40 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 26, p. 56-89, 1988. (Coleções Brasilianas)

SILVA, Simone. *As rodas literárias nas décadas de 1920-30: troca e reciprocidade no mundo do livro*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas*. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

\_\_\_\_\_. Os livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica*. Rio de Janeiro, n. 41, p. 3-34, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Casa José Olympio e a instituição do livro nacional*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. [Entrevista com Raquel de Queiroz]. 1997.

\_\_\_\_\_. [Entrevista com Plínio Doyle]. 24 de junho de 1997.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

